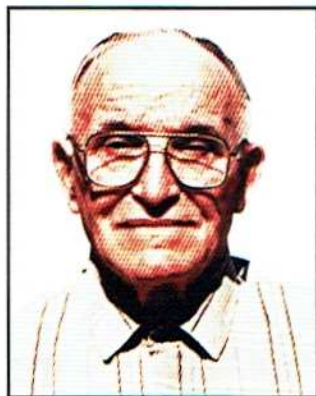




Inspetoria Salesiana de Campo Grande-MS Casa São José

Caríssimos irmãos,

Com tristeza comunico o falecimento do nosso irmão sacerdote



★ 15/12/1919

† 5/04/2010

Pe. JOÃO PANCOT

Depois vários anos de uma situação muito difícil quanto a sua saúde, praticamente vivendo na cama sem poder de locomoção devido a uma artrite forte que lhe tolhia os movimentos das pernas e do corpo, Pe. João Pancot faleceu em Campo Grande, na Casa Inspetorial, no dia 05 de abril de 2010, às 15h30 da tarde. Seu corpo foi velado na capela da casa e, na manhã do dia 06, depois da santa missa no mesmo local, o féretro seguiu para o sepultamento às 11h00, no Memorial Parque, onde seu corpo jaz ao lado de outros salesianos falecidos.

Pe. João Pancot fez parte da leva de missionários que vinham para a inspetoria tendo em vista o trabalho entre povoados remotos, entre os indígenas bororo e outros campos de evangelização. A partir de 1934, antes da Segunda Guerra Mundial, o fluxo de missionários europeus foi considerável graças à presença atuante do entusiasmado inspetor Pe. Carletti. Depois de um período de carência, este restabeleceu essa possibilidade tendo em vista a animação e sustentação das obras da inspetoria. Houve um crescimento considerável de missionários; talvez um dos fatos que animou bastante

os jovens europeus para trabalhar nas missões em Mato Grosso tenha sido o martírio dos salesianos Pe. Fuchs e Saciloti, trucidados por um grupo de xavantes nas margens do Rio das Mortes, em 1934.

Pe. Pancot, o 4º filho de Santo Pancot e de Helena Marcon, nasceu em 15 de dezembro de 1919, em Formeniga, pequeno distrito rural da comuna de Vittorio Veneto, no norte da Itália.. Seus pais eram pequenos agricultores casados em 1910. João Pancot foi batizado no dia 27 de dezembro de 1919, na igreja matriz de Formeniga. Ao lado das irmãs, cresceu em uma família cristã, que lhe oferecia o exemplo de vida na fé e de muita dedicação ao trabalho. Fez a Primeira Eucaristia em 18 de dezembro de 1928, e foi crismado em 24 de setembro de 1932. João Pancot fez os seus primeiros três anos de estudos em Vittorio Veneto – 1926-1929 – com os professores Bruneto e Matilde Spelanzon. O 4º e 5º ano fez em San Giacomo, distrito de Vittorio Veneto, com a professora Clarinda Mardori Garatti, que muito incidiu formativamente em sua vida.

Em 1931, entrou para a congregação dos Jesuítas, em Roncovero, na Escola Apostólica, onde fez o Preparatório e o 1º ginasial. Existem duas avaliações em seus documentos. A primeira de 1933: “o superior do seminário das Missões exteriores, Pe. Andrea Giani, testemunha que o juvenzinho João Pancot é de boa conduta, de uma piedade sincera, de boa vontade e de uma discreta capacidade intelectual e de saúde robusta, mas, por sua índole perante os estudos, estamos devolvendo-o à sua família...”. Outra carta testemunha: “o jovem Pancot é muito bom, e gostaria de tê-lo no seminário e indicá-lo para as missões. O pároco que o recomenda é muito bom e merece todo apreço. Ele é pobre como muitos outros são pobres...”

A partir de 1934, estudou com os salesianos no Seminário de Bognolo no Piemonte, onde cursou até a 4ª série do ginásio. Depois pediu para ir para as missões. Em Bagnolo, em 1937, afirmava em seu pedido: “Nesta casa bendita, sob a sua orientação, a minha vocação salesiana, sacerdotal e missionária desenvolveu-se bastante diante da descoberta de novos horizontes, o meu desejo de ser missionário cresceu muito. Quero viver a vida salesiana e peço-lhe de todo o coração que seja aceito para entrar para a Congregação salesiana”. (Bagnolo, 22 de maio de 1937). Nesse ano de 1937, tendo sido aceito para entrar na congregação salesiana, aos 17 anos, veio para o Brasil, fazendo o noviciado em Cuiabá. Aqui no Brasil, precisamente em Cuiabá, o clima da inspetoria nesse tempo era de grande entusiasmo e de muito

trabalho missionário entre os indígenas e entre o povo simples. Com o ânimo grandioso do Pe. Carletti, todos os formandos se entusiasmavam pelo trabalho na inspetoria. Foi nesse clima que sua chegada para o noviciado em Cuiabá ocorreu com grande alegria e entusiasmo. O mestre de noviços era o Pe. Mário Balandino, de pequena estatura e de alma grandiosa diante do ideal de D. Bosco. No final do noviciado, ocorreu a primeira profissão em 29 de janeiro de 1939.

De 1939 a 1941 estudou filosofia no Seminário de Nossa Senhora da Conceição de Cuiabá; o lugar era paupérrimo, mas os ânimos eram entusiastas pelo estudo e pelas atividades nas escolas e nas missões. O fator formativo preponderante nesse tempo, além do ideal missionário e do grande desafio de evangelização dos índios e dos povoados espalhados pelo imenso território da inspetoria, era a presença marcante de D. Francisco de Aquino Corrêa. Os estudantes todos se deixavam enlevar por sua presença e por sua sabedoria em lhes ensinar as disciplinas da filosofia, mas, em particular, a alegria por aprender com ele a língua portuguesa. Todos os missionários em formação daquela época aprenderam a falar e a redigir com correção a língua portuguesa que lhes era ensinada pela sabedoria e pelo fascínio da presença de D. Aquino, da Academia Brasileira de Letras. Pancot aprendeu a língua portuguesa com agrado e correção. Foi professor de português e adquiriu gosto pela linguagem correta e pura. Foi uma ótima preparação para a etapa seguinte: o tirocínio ou assistência. Nesses anos, as férias para os estudantes de filosofia eram passadas na grandiosa colônia do Sangradouro, que, além de ser um lugar saudável pelo clima, pela abundância na alimentação, contava com a presença de missionários sábios e proveitosos como o Pe. César Albisetti, grande conhecedor e estudioso da cultura bororo.

Os estudos de filosofia duraram três anos, de 1939 a 1941; uma vez encerrados esses estudos, foi designado para ser assistente no Colégio São Gonçalo e no Colégio de Lins. Quatro anos de grandes atividades e de muito trabalho como professor e assistente no internato. As atividades dessa fase de formação, fortemente vivenciada como experiência direta no convívio diário com os jovens, internos e externos, convergia para o exercício de professor e de animador dos internos nos esportes e outras atividades educativas. A vida salesiana nos internatos abrangia 24 horas de convivência com os alunos e exigia que se mantivesse uma prática bem explícita do sistema

educativo de S. João Bosco, o sistema preventivo. Tempo de aprendizagem prática na convivência diária com os alunos. Nesse período, foi aceito para fazer a profissão perpétua, que ocorreu em Campo Grande, no dia 15 de janeiro de 1945.

De 1946 até 1949, esteve no Instituto Teológico Pio XI, em S. Paulo, para os quatro anos de estudos teológicos; foram quatro anos de grandes experiências pastorais e de aprofundamento na fé pelos estudos das disciplinas que embasam os conteúdos fundamentais da religião católica. Conviveu com outros estudantes de diversas partes do Brasil e teve como professores os salesianos adrede preparados para esse período de formação. Em suas avaliações para as ordens menores e maiores, foram recorrentes os elogios dos salesianos da comunidade da Lapa; em todas as avaliações sobressaíam as afirmações “bom, trabalhador, piedoso e muito alegre.” Depois de receber todas as ordens menores, recebeu o subdiaconato, em 1948, e o diaconato, no início de 1949. Foi bem avaliado nesse ano para ser ordenado sacerdote. Conforme o costume, quase todos do último ano foram ordenados no dia 8 de dezembro de 1949, no Santuário do Sagrado Coração de Jesus; D. Orlando Chaves foi o bispo que presidiu a cerimônia e ordenante de todos da turma daquele ano. O então Pe. João Pancot, celebrou sua primeira missa na Capela do Instituto Teológico Pio XI, na Lapa, S. Paulo, no dia 9 de dezembro de 1949. Sua festa de neossacerdote ocorreu em Lins. No dia 25 de dezembro de 1949, na matriz de S. João Bosco, celebrou sua solene missa de festejo de sua ordenação. Sempre estimado e querido por todos, foi muito bem acolhido pelos paroquianos da cidade de Lins, onde estivera como assistente e professor em anos do tempo do tirocínio prático.

1. Primeira etapa de sua vida apostólica: trabalho em colégios e em casa de formação dos salesianos

Encerrado o período de estudos teológicos, sacerdote salesiano, estava pronto para retornar para a inspetoria para o trabalho em uma das casas. A inspetoria mantinha nesse tempo alguns setores específicos de trabalho: colégios, casas de formação, paróquias, missões e oratórios festivos. Pe. Pancot sabia de antemão que iria trabalhar em algum desses setores. O Pe. Inspetor da época, Pe. Guido Borra, indicou seu local de trabalho: o colégio de Tupã. Tupã era uma cidade nova, e para lá os salesianos se dirigiram a pedido do fundador

da cidade, Sr. Souza Leão; era uma cidade típica daquele tempo no interior de S. Paulo. Toda rodeada de lavouras de café, de amendoim, algodão. As Fazendas eram organizadas em verdadeiras colônias de mais de cinquenta famílias que cuidavam dos cafezais. A ferrovia Paulista era o meio de transporte seguro. Desde 1944, os salesianos haviam construído uma parte do colégio para internos e externos. Nesse tempo, também havia sido inaugurada a praça e o monumento a D. Bosco. O colégio era organizado conforme os padrões do modelo de um colégio para internos, e os salesianos exerciam suas funções de educadores e professores, pois todos davam aulas em suas especialidades. Pe. Pancot permaneceu em Tupã durante dois anos e cumpriu com a função específica de animação dos alunos no estudo e nos esportes, bem como em todas as atividades festivas e celebrativas. É bom recordar que, nesse tempo, todos os salesianos sacerdotes e clérigos usavam diariamente a veste talar ou a batina preta ou branca.

Depois de dois anos de Tupã, em 1952, foi transferido para o Instituto S. Vicente em Campo Grande/MS, casa de formação e escola agrícola. Um dos motivos de sua mudança foi a transformação do internato de Tupã em aspirantado; o trabalho com os externos permaneceria, mas o aumento do número de aspirantes levou ao fechamento do trabalho com estudantes internos. Em Campo Grande, sua função específica além das aulas de português e religião, seria a animação da vivência religiosa dos alunos da “Escolinha” – Escola Agrícola. O salesiano que se incumbia dessa função, naquele tempo tinha o nome funcional de “catequista”. Ele era o encarregado da animação das práticas de piedade – orações diárias, novenas, festas comemorativas. Sobretudo, estar presente e acompanhar a vida espiritual dos alunos com atendimentos pessoais e orientações para a vida de piedade, sempre pronto para os momentos especiais de Bons-Dias e Boas-Noites. Todas essas atividades não foram problemáticas para o jovem sacerdote que mostrava exuberância de vida e animação em todos os setores da casa.

Sua atividade e disponibilidade levou o Pe. Inspetor a contar com ele para cargos mais exigentes, e o escolheu para diretor do Colégio S. Gonçalo de Cuiabá. Tornar-se diretor de lá não seria uma surpresa, nem mesmo encarregá-lo de uma atividade desconhecida. Estivera em Cuiabá durante todo o seu período de formação, noviciado e estudos de filosofia; portanto tinha conhecimento dessa casa com diversas atividades, pois além da Paróquia, contava com o Santuário

de Maria Auxiliadora e propriamente com um colégio modelar e específico. Tratava-se de uma comunidade numerosa que, além de um colégio normal para estudantes internos e externos, mantinha as Escolas Profissionais em versão de diversos cursos. Essa foi a primeira casa salesiana da Inspetoria, fundada por D. Luis Lasagna e dirigida pelo valoroso e vibrante Pe. Antônio Malan desde 1894.

Assim Pe. Pancot assume a direção dessa obra com profundo conhecimento de sua realidade. Além disso, por perto estava ainda o admirado e querido arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa com quem aprendera bem a língua vernácula e a ser salesiano devoto do mesmo pai D. Bosco. Experiência de dirigir o externato e internato já adquirira em Tupã; estava atento às necessidades dos aprendizes internos e externos diante dos vários cursos profissionalizantes. Contava com a presença de inúmeros coadjutores para o desempenho desses cursos. Assim a comunidade era numerosa e merecia atenção especial em suas diversidades. Realizou bom governo, estando presente em todos os setores com sua alegria e entusiasmo pelas atividades esportivas, teatrais e musicais. O Colégio vivia o ritmo de uma casa salesiana animada em seus diversos setores. Cada um com o próprio desempenho e as festas celebradas pela comunidade toda mostraram o dinamismo dessa casa tão fiel às primeiras origens da presença salesiana. Soube relacionar-se com liberdade com os diversos mestres dos vários cursos profissionalizantes e soube também animar o colégio como tal, tanto para externos como internos, para a obtenção de um nível alto de aprendizagem e de formação salesiana. Esteve sempre presente como Colégio São Gonçalo nos festejos da capital e nas animadas festas religiosas, bem a gosto do povo cuiabano.

No final de seu triênio, em 1957, obteve a naturalização brasileira, cujo processo foi assinado pelo então novel presidente do país, Juscelino Kubitschek. Também nesse ano faleceu o seu pai, Sr. Santo Pancot em Vittorio Veneto, no dia 29 de junho de 1957. É bom realçar que uma irmã do Pe. João Pancot emigrara e nesse tempo residia na cidade de São Caetano em São Paulo.

Ao deixar o cargo de diretor do S. Gonçalo de Cuiabá, foi nomeado diretor do Instituto S. Vicente de Campo Grande. Nesse local, além da Escola Agrícola S. Vicente, para internos e externos até a 4ª série, funcionava o Noviciado da Inspetoria, sendo Mestre o Pe. Luis Lorenzi, e depois, o Pe. Pravisano; mas, sobretudo nesse tempo, a

denominação maior da casa cabia ao estudantado de Filosofia, que funcionava no prédio adrede construído e inaugurado em 1951. Normalmente o curso de filosofia seguia as orientações da congregação e da Santa Sé. Havia professores de filosofia e de outras disciplinas que não haviam sido cursadas no ensino médio; mas a acentuação passava pelos diversos tratados da filosofia e pelo estudo das disciplinas necessárias: língua e literatura portuguesa, matemática, física e química, ao lado de outras línguas como latim, grego, italiano e espanhol. A maior parte dos estudantes de filosofia eram missionários estrangeiros de origens variadas, quer europeias, como americanas. O estudo da língua e dessas outras disciplinas exatas era muito cuidado e necessário. Havia a certeza de que era necessário esse estudo rigoroso, pois todos os estudantes seriam mais tarde professores durante o período de tirocínio. Então o ensino era relativamente exigente. O Pe. Pancot era professor de língua e literatura brasileira. Outros salesianos preparados dedicavam-se ao ensino das ciências exatas, com o Pe. Francisco Agreiter (física, química e matemática), Pe. José Barbisan, tratadas de filosofia, bem como mais tarde, o Pe. Walter Bocchi, professor de filosofia e matemática, disciplinas altamente apreciadas por esses salesianos. Ao lado desse exigente programa de estudos, ocorria o cuidado com as lavouras, tanto por parte da Escola Agrícola como pelo trabalho diário dos estudantes de filosofia e dos noviços. Havia que se cuidar de diversos setores: do galinheiro, do chiqueiro, da grande área dedicada à plantação de hortaliças, do cultivo das lavouras produtivas, em especial do cafezal e do pomar; tudo dependia da produção local para auxiliar a sustentação de todos na comunidade. Imaginem um período em que a água para a casa era enviada por um carneiro hidráulico e a água potável era trazida da fonte do “buracão” para os diversos filtros da casa. Convém lembrar que a cidade de Campo Grande nessa década era uma simples cidade em que havia asfalto somente nas três ou quatro ruas principais, todo o restante durante o período de chuva, inclusive o final da rua 14 de Julho, perto do “Vai ou Racha”, virava um lamaçal. A comunicação da Lagoa da Cruz com a cidade era por meio de um carro velho ou por meio de GMC antigo, quando chovia a estrada se tornava intransitável. A luz elétrica que abastecia as casas do noviciado, do refeitório e das Filhas de Maria Auxiliadora, o prédio da filosofia, a igreja e o prédio da “Escolinha” provinha de um antigo gerador que movimentava o dínamo mediante a força da água que

vinha da represa, e mais nada. Somente mais tarde puderam colocar um motor a diesel e, assim, sustentar melhor a luz elétrica.

Pe. João Pancot, em meio a esse mundo, cumpria com sua função de animar a todos e principalmente atender os formandos, estudantes de filosofia com as devidas atenções, com os rendicontos, com as palestras formativas semanais, com os encontros para estudar o Novo Testamento, denominada, “aula do testamentinho!” Citava as leituras da Congregação e animava a todos para o cumprimento dos encargos de cada comunidade. Normalmente as viagens para a cidade nesse carro Ford antigo custavam sacrifícios e incertezas, mas o mundo prosseguia seu ritmo ao peso de suas alegrias e de suas ruidosas gargalhadas. Apesar de uma vida exigente e precária, a alegria reinava entre os estudantes e salesianos, animados pela espontaneidade de todos. Estavam na comunidade dois padres idosos que se tornaram célebres por serviços anteriores. Pe. Samuel Galbusera, como confessor que se distraía com suas tentativas de criação de peixes em tanques perto da matinha e do cuidado da horta; o outro era o Pe. Miguel Curró, que vivera por mais de 12 anos no leprosário de Bauru, Aimorés, e que então se ocupava em desenvolver um parreiral bem perto da casa. As festas eram solenes na liturgia e nas sessões de teatro; ocorriam no teatro aberto do noviciado. Afinal tudo acontecia com ânimo e alegria conforme a vida regida pelo espírito de S. João Bosco. Pe. Pancot foi diretor dessa comunidade até 1959.

De 1959 até 1962, foi nomeado diretor do Colégio D. Bosco. O Colégio D. Bosco era um típico colégio para internos e externos. O padrão de animação era amplamente conhecido, e exercer a função de animador espiritual dos alunos e da comunidade não era uma novidade para o Pe. Pancot. Sempre animado e barulhento, queria que tudo fosse uma manifestação da verdadeira alegria de estar numa casa salesiana. A sede inspetorial também estava situada no prédio do colégio; tal fato tornava a comunidade mais numerosa. Além do prédio da Av. Mato Grosso, as dependências do Colégio D. Bosco nesse tempo eram precárias e diminutas. Grandes e razoáveis eram os dois campos de futebol; o maior, muito plano, mas cheio de uma poeira vermelha que se espalhava para todos os lugares; atrás do velho teatro, pequeno campo para os menores, bastante reduzido, mas com o chão vermelho também. Porém a vida do colégio era intensa, e os estudos muito exigentes e como tais apreciados. Nesse tempo, também funcionavam os cursos noturnos regulares e profissionalizantes, especialmente o de

preparação para auxiliar de contabilidade. Já existia uma ansiedade por alguma reforma no colégio como tal. O Pe. Constantino de Monte, grande administrador e projetista, havia adquirido vários terrenos ao lado do pátio do colégio e já iniciara a grande construção do prédio paralelo à rua 14; eram as iniciativas que continuaram a construir o novo modelo de presença do Colégio D. Bosco em suas novas atividades. Nesse tempo, justamente no final de seu mandato, por iniciativa do Pe. Félix Zavattaro, com o apoio do Pe. Ângelo Venturelli, iniciaram os dois primeiros cursos universitários de Campo Grande, precisamente, os cursos de Letras e de Pedagogia. Com o apoio do Sr. Bispo D. Antônio Barbosa, iniciava-se assim outra atividade da presença salesiana em Campo Grande; essa dimensão dos cursos universitários iria progredir continuamente até atingir o que hoje é a UCDB. Essa iniciativa proporcionava a passagem de um colégio modelado para externos e internos a um somente de atendimento a externos, e, com o cessar dos internatos, para outras atividades iniciadas voltadas a progredir, em especial com os cursos universitários. O internato ainda funcionaria por mais uns quatro anos somente. Era o início de uma reviravolta. Para isso contribuiu muito a atividade do Pe. Constantino em preparar o prédio da rua 14.

Depois de cumprir regularmente o seu triênio de diretor no Colégio D. Bosco, foi designado pelo então Pe. João Greiner, inspetor salesiano da época, para ser o pároco da Paróquia S. João Bosco, em Campo Grande. Era uma paróquia sediada ao lado do colégio, mas com inúmeras capelas, pois toda a parte da cidade em direção à saída para Cuiabá, era assistida pelos sacerdotes salesianos. Havia vários salesianos e, portanto não faltavam sacerdotes para essas inúmeras capelas. Iniciava um novo período de trabalho pastoral na vida do Pe. Pancot.

2 - Segunda etapa de sua vida apostólica: trabalho nas paróquias

A primeira experiência de trabalho pastoral em paróquia – 1962-1964 - acontecia na vida do Pe. Pancot de uma forma especial. Deixara um mundo ordenado das casas salesianas dedicadas às escolas para se ocupar exclusivamente do atendimento pastoral. Havia a experiência antiga desse atendimento. Porém, nesse tempo, ocorriam as primeiras sessões do Concílio Vaticano II, e as novas perspectivas surgiam pedindo iniciativas pastorais condizentes com as novas

propostas do Concílio. Parecia que tudo entrava em estado de ebulição gritando por transformações nas concepções e nas modalidades pastorais. Por outro lado, os movimentos antigos, como os das confrarias dos Marianos e das Filhas de Maria, haviam cessado; outras irmandades prosseguiram com seu ritmo de atuação, mas a grande maioria dos leigos aspirava por novas modalidades de grupos e de atitudes. O ápice de todos esses movimentos ocorreria com a promulgação do documento conciliar sobre a liturgia em 1964. Ganham consistência as ideias de movimentos juvenis e de movimentos de casais; o Cursilho tornara-se um modelo para outros movimentos e para outras iniciativas. O ponto culminante iria alicerçar-se na reforma litúrgica que aconteceria a partir de 1965.

Seria conveniente colocar as grandes reformas litúrgicas e as novas concepções da pastoral eclesial enquanto apoio efetivo e participação nas decisões da organização e estruturação do governo das paróquias e grande incremento para maior participação dos leigos em todos os níveis da Igreja. Porém, nesse tempo, no mundo e no Brasil, a ideologia socialista-marxista liderava a reação contra o governo militar implantado em 31 de março de 1964; tal governo militar surgiu em oposição aos comunistas que estavam se organizando para assumir o poder e implantar no país o modelo cubano, para expressar a participação popular e derrubar as oligarquias ou conjunto de pessoas que se mostravam mais capazes de assumir o poder. O governo militar limitou as liberdades e passou a perseguir os esquerdistas que se refugiaram na clandestinidade e chegaram a se armar para uma possível guerrilha.

As duas novas características marcadas pelas inovações, a litúrgico-pastoral da igreja confluíram com a grande luta pela defesa dos prisioneiros políticos; a ideologia se transferiu para a mentalidade pastoral da Igreja tendo em vista as propostas do socialismo. Em Lins, o bispo foi muito favorável a essa ideologia, tendo como ideal uma gama de fieis fortemente ideologizados para agir politicamente. Houve a fundação, na diocese, de um centro de pastoral onde se discutiam as novas coordenadas da realidade do governo militar e a ação política a partir da esquerda. Principalmente com o apoio da direção da diocese, esse movimento contaminou várias camadas da população que mais tarde se traduziu nos membros dos partidos de esquerda, em especial o PT e o PCB.

Dentro desse horizonte, inicia o seu trabalho na paróquia de

Lins o Pe. João Pancot. Tenta promover todas as modificações pastorais exigidas pela diocese. De modo especial, como está registrado no livro do Tombo da Paróquia, tentou tornar o governo e a presença dos leigos da paróquia mais participativos e mais atuantes em todos os setores pastorais. Foi uma reviravolta em termos comparativos com a tradicional maneira de se organizar e de se trabalhar com os leigos. Pe. Pancot estudou a situação, participou de muitos cursos de atualização e manteve-se dentro de seu espírito salesiano de estar próximo de todos e animar a todos. Sempre fiel ao seu grande coração, continuou a atender a todos com bondade e caridade. Por outro lado, participou dos novos movimentos e tentou auxiliar a promoção dos cursilhos como animação dos leigos.

Nesse tempo de intensas mudanças sociais, políticas e eclesiais, Pe. Pancot se manteve atuante e amigo de seus paroquianos. Jamais deixou de ser próximo e atender a todos com caridade e paciência. Manteve-se nesse trabalho na paróquia de Lins por dez anos, modificou a face organizacional dos leigos e das modalidades de participação através da atuação do conselho paroquial. Chegou em 1965 e deixou a paróquia após dez anos de trabalho, em 1975. Então foi transferido para outra paróquia da mesma diocese: Araçatuba.

Na cidade de Araçatuba, os salesianos mantinham um colégio para alunos externos e internos. Fora projetado um grande prédio ao longo da rua Cussy de Almeida, como o prédio do Colégio D. Bosco de Campo Grande, na rua 14, originalmente modelado pela estrutura de internatos. Assim o último andar possuía os dormitórios necessários; ocorre que os internatos deixaram de progredir e a presença de escolas por toda parte extinguiu essa atividade. Nesse tempo, por ordem da inspetoria, cessaram as atividades dos colégios de Tupã e de Lucélia. Os aspirantes de Lucélia foram abrigados nas dependências do prédio novo de Araçatuba. Assim a comunidade salesiana de Araçatuba mantinha um colégio para externos e o aspirantado e a paróquia S. João Batista.

Com o mesmo espírito que o animou em Lins, Pe. Pancot iniciou seu trabalho paroquial em Araçatuba. Esta, como cidade era bastante diferente dos tempos de hoje, apresentava poucas perspectivas de progresso, pois as quedas nas lavouras foram significativas. A periferia da cidade estava em estado pouco confortável. A paróquia atendia capelas também na periferia, e Pe. João sempre lutou por atender bem aos mais humildes e aos mais

necessitados, mas a causa política era de forma comedida, pois o regime não permitia qualquer manifestação nesse sentido. Sempre foi muito estimado pelos paroquianos e muito apreciado por sua proximidade com todos. Depois de quatro anos nessa paróquia, foi transferido para outra região completamente diferente e muito distante: Poxoréu, em Mato Grosso.

Em 1979, reiniciou seu trabalho de pároco em Poxoréu; cultura e povo completamente diferentes de tudo que vivenciara em dez anos de Lins e quatro de Araçatuba. Poxoréu nesse tempo era denominada a “capital do diamante”! Outra cultura e outra maneira de encarar a vida preponderavam na cidade; ali, devido à forte influência dos garimpos, a vida se manifestava de outra forma e as pessoas eram, na maior parte, migrantes do nordeste que buscavam, no trabalho do garimpo, a esperança de uma vida melhor. Existia muita riqueza e muita pobreza ao mesmo tempo. Uma cidade ao lado de um rio apropriado para garimpo em meio aos contrafortes de uma serra denominada Alcantilado. Uma realidade diferente que lhe iria pedir muita adaptação e muita paciência.

Nesse tempo, chegaram a Poxoréu muitos jovens da “Operação Mato Grosso”, associação organizada no Veneto-Itália, com a finalidade de oferecer um tempo de experiência para os jovens italianos em trabalho social e pastoral em lugares carentes. Eles aportaram em Poxoréu com esse propósito, e da presença e atuação deles surgiram várias iniciativas em prol dos jovens da cidade. As duas principais foram: um hospital na cidade aos cuidados do Pe. Pedro Melise, e o Centro Juvenil em prol dos jovens. Nesse centro juvenil, foram instalados vários cursos profissionalizantes; preparavam os jovens para um trabalho fora do garimpo. Foi de uma atividade grandiosa, e a maior parte dos jovens que ali se profissionalizaram imigraram para melhorar a vida em grandes cidades. Pe. Pancot foi grande amigo de todos desse movimento; o diretor do Centro Juvenil, o coadjutor, Sr. Armando Catrana, tornou-se o seu grande amigo. Assim o tempo do Pe. Pancot em Poxoréu ganhou nova força e nova vida. Ao lado dos salesianos que cuidavam do Centro Juvenil, e com a OMG, pôde realizar um bom trabalho pastoral. Tornou-se muito estimado na cidade e viveu bons tempos ao lado dos jovens ativos da “Operação Mato Grosso”.

Em 1983, deixou Poxoréu e foi transferido para uma cidade diferente e muito mais distante: Nova Xavantina. Permaneceu nessa

cidade por dois anos como vigário paroquial; atendia uma parte da cidade, que é dividida ao meio pelo Rio das Mortes. Encontrou aí outra população e outra cultura; a maior parte da população era de origem dos estados do sul e vieram para essa região em busca de novas possibilidades de lavouras mecanizadas. Além da população tradicional, em número pequeno, os imigrantes sulinos eram a maioria. Auxiliou o pároco e atendeu a todos com sua tradicional proximidade e caridade para com todos.

De um extremo ao outro, se Nova Xavantina era um extremo ao norte, seu novo destino, a cidade de Corumbá, era o extremo oeste no estado de Mato Grosso do Sul. Ficou em Corumbá como Pároco do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora por seis anos. Encontrou outro povo e outra cultura, a proximidade da fronteira com a Bolívia, a presença do Rio Paraguai, as famílias tradicionais e os descendentes bolivianos compunham um cenário social muito diferente. Mas não teve problema para se situar e se sentir bem junto ao povo de Corumbá. Soube estar também disponível e realizar um bom trabalho no atendimento paroquial no Santuário e nas capelas da paróquia. Nesse tempo, realizou um excelente trabalho de restauração dos vitrais do Santuário. Sempre foi auxiliado pelos sacerdotes salesianos do colégio Santa Teresa.

Seis anos depois, em 1992, retornou para Poxoréu, onde já estivera anos anteriores; já alquebrado pela idade e meio temeroso quanto à saúde, permaneceu até 1995 como pároco e, no ano de 1996, como vigário paroquial, mas a saúde não lhe permitia mais trabalhar como desejava. No final do ano, foi enviado para a sede inspetorial para tratamento da saúde. Retornaria para Poxoréu em 1999, conseguindo trabalhar um pouco, mas ao final do ano teve que retornar para Campo Grande para continuar a se tratar; a precariedade de seu estado merecia cuidados especiais e apropriados. Desta vez não teve mais oportunidade de sair da casa inspetorial, seu estado de saúde deixava sua capacidade de locomoção e compreensão da situação fortemente deterioradas. Aqui ficou até seu falecimento.

3 – Traços marcantes da pessoa do Pe. João Pancot

A personalidade do Pe. Pancot, expressivamente persistente desde o seu tempo de juventude, permitiu-lhe que se combinassem sua simplicidade diante da vida com a seriedade da vocação assumida: ser

sacerdote missionário conforme os valores da espiritualidade salesiana. Destacam-se suas características de alegria humana contínua, sua capacidade de olhar a vida e o mundo com simplicidade e otimismo, sua perseverança no cumprimento das metas assumidas e de seus deveres sacerdotais, além de sempre estar rodeados de amigos ou de famílias amigas para partilhar a vida de trabalho e para a animação de todos.

Como salesiano, destacam-se as características da proximidade e espírito de família, a simplicidade e, em especial, a alegria da vida e a busca da fidelidade à Igreja; sua devoção a Nossa Senhora se expressava na preparação das festas de Nossa Senhora para que sempre fossem belas e altamente educativas. Seu amor à inspetoria concretizou-se em sua capacidade de trabalho e de participação nos momentos de retiros ou de encontros de formação.

Deve-se destacar sua busca em atualização diante dos documentos do Vaticano II e dos documentos do CELAM. Esteve em Bogotá em julho de 1979, para um curso no CELAM, do qual bispos e sacerdotes participaram, durante quase dois meses, de palestras e estudos sobre os documentos de Puebla e outros, ministrados pelos especialistas da América Latina sobre a nova teologia da Libertação e suas implicações pastorais. Em carta ao Pe. Inspetor, Pe. José Winkler, afirmou que estava levando o curso a sério e assim aproveitando bem o tempo.

Cumprir registrar também que a Câmara Municipal de Lins aprovou no dia 10/12/1974, o requerimento de uma lembrança e memória em homenagem ao Pe. João Pancot a ser proclamada na sessão 36ª requerida pelo Sr. Kitisi Iamauti. Essa homenagem confirma-se nos dizeres: "Constituiu motivo de muita alegria para a comunidade linense, o transcurso, dia 8 do corrente, do Jubileu de Prata do estimado Pe. João Pancot, Vigário da Paróquia S. João Bosco, desta cidade. Sua inteligência, seu dinamismo, seu zelo sacerdotal, seu grande coração, são conhecidos de todos que o cercam e por isso lhe dedicam verdadeiro amor filial... (E ao encerrar conclui) - Ao Pe. João Pancot, portanto, perseverante na fé e na vocação, a manifestação simples mas muito amigável deste Legislativo, cujos membros, pelas suas orações, pedem para que Nosso Senhor o conduza sempre firme e perseverante, pela estrada do sacerdócio. Que no seu coração crepitem cada vez mais viva aquela chama de amor que um dia o levou à renúncia e ao sacrifício da própria vontade em prol de uma missão tão

elevada quanto sublime, qual seja a de levar Cristo às almas!”

Outra comemoração digna de nota foi a festa de suas bodas de ouro sacerdotais celebrada na comunidade de Poxoréu. Foi precedida de uma novena em prol das vocações sacerdotais pregada por ele no Centro Juvenil. E no dia 8 de dezembro de 1999, celebrou solenemente, às 09h00, a Santa Missa jubilar, na quadra de esporte do Centro Juvenil; houve, em seguida uma sessão acadêmica em homenagem ao festejado e, em seguida, um lauto almoço para alegrar a todos. Pe. Pancot festejou nesse dia a glória de seu lema sacerdotal: “Vence o mal com o bem!” De fato foi sempre tentando realizar o bem para todos que o Pe. João vivenciou toda a trajetória de sacerdote e filho estimado de S. João Bosco.

Pe. Miguel Paes escreveu sobre o Pe. João Pancot: “Pe. João foi uma pessoa de bem; sabia acolher, compreender e ajudar as pessoas em suas necessidades. Encaminhou vários jovens para seguirem e decidirem sua vocação salesiana. Interessava-se por eles... Com o povo era igual: alegre, cheio de iniciativas, disposto para atender a todos. Preocupava-se com a formação dos leigos, indicava-lhes atividades apostólicas e atendia as comunidades e os grupos... Preparava com gosto as celebrações litúrgicas, falava muito bem... era sempre agradável ouvi-lo. Celebrava as santas missas com toda festividade e criatividade permitidas pela liturgia... sempre foi muito alegre e animado com as pessoas e com as famílias!”

Ao encerrar, pode-se afirmar que Pe. Pancot teve a alegria e a sabedoria de atravessar todos os grandes problemas da atualização da Santa Igreja diante das exigências do Concílio Vaticano II, conservando sempre sua fidelidade de filho de S. Bosco à Santa Igreja e ao povo santo de Deus pelo afeto e carinho que os conduzia a Deus. Foi um grande salesiano que honrou com a vida o seu grande ideal de missionário.

Continuemos a rezar por ele com a nossa fraterna lembrança!

Pe. Afonso de Castro

★ Formeniga/Vittorio Veneto – Itália 15 de dezembro de 1919

† Campo Grande 05 de abril de 2010

Aos 91 anos de idade

61 anos de sacerdócio

71 de profissão religiosa